

Eu, Você e Nós Todos: as múltiplas versões do “eu” nos ambientes existenciais das RSIs

Me, you and all of us: the multiple versions of the “autobiographical self” in the existential environment of internet social networks

Patrícia Fonseca Fanaya

Pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil.
patriciafanaya@gmail.com

Abstract

The purpose of this paper is to analyse some of the characteristics of the existential environments created on the internet social networks (ISN) under the influence of mobile and locative technologies, as well as to discuss the proliferation of multiple versions of the self which populate them. The ISNs give visibility and allow access to the multiple versions of the autobiographical self which are built in a collaborative process with other people and are available to anyone, at any time and in every place. This represents the complete dissolution of the boundaries that divide what’s within oneself and outside oneself.

Keywords

Redes sociais digitais, Ambientes existenciais, Subjetividade, Alteridade, “Eu” autobiográfico.

Data de presentació: novembre de 2011

Data d’acceptació: gener de 2011

VISIBILIDADE, ACESSIBILIDADE, MOBILIDADE E A CRIAÇÃO DE AMBIENTES EXISTENCIAIS NAS RSIs

A internet, e especialmente as redes sociais da internet (RSIs), têm facilitado o que parece ser uma tendência e uma predileção ancestral dos homens: aquela de estarem ligados uns aos outros, se influenciando mutuamente. O que torna as RSIs únicas e diferentes de outros tipos de redes sociais não é só o fato de elas permitirem que os usuários se conectem digitalmente a quantas pessoas eles escolherem se conectar, mas sim o fato de elas permitirem que essas conexões se tornem visíveis e acessíveis.

A visibilidade e a acessibilidade que as RSIs oferecem são a materialização do imaterial, e o grande paradoxo que se apresenta é o fato de que as redes sociais, antes invisíveis no mundo “real”, ganham materialidade justamente no chamado mundo “virtual”. Já não parece haver distinção clara entre a vida vivida no chamado “ambiente real” e a experimentada nos chamados “ambientes virtuais”. Essa é uma distinção que parece cada vez mais obsoleta, dado o processo acelerado de desmaterialização e hibridização dos espaços e também daquilo que se conhece por realidade.

As RSIs libertaram o sujeito dos territórios culturais e linguísticos delimitados fisicamente e trouxeram consigo a possibilidade da criação de ambientes existenciais livres de fronteiras. Esses ambientes ao mesmo tempo em que se localizam e são reais no ciberespaço, não estão em lugar nenhum - são verdadeiros não-espacos, não-territórios que não podem ser dimensionados e não possuem topografia. Em última instância, são frutos dos *bits* e dos fluxos incessantes de múltiplas linguagens por meio das quais a comunicação interativa acontece.

Os ambientes existenciais das RSIs ganharam ainda mais autonomia e funcionalidades com a proliferação dos equipamentos móveis como os *smartphones*, i-Phones e *tablets* munidos de aplicativos de geolocalização, que permitem que os usuários indiquem para onde estão se movendo no mundo físico e decidam se querem ou não compartilhar esta informação com suas redes de amigos e/ou seguidores.

O avanço da convergência dos meios de comunicação digitais móveis e das RSIs fez emergir um ser permanentemente conectado em rede, transpassado

por inúmeras culturas e textos, capaz de criar e lidar com uma infinidade de identidades contingentes que flutuam em geografias imaginárias nas quais a vida se encadeia e desenrola cotidianamente, na direção da criação de múltiplas versões de “eu” autobiográficos.

EU, MEUS AMIGOS E SEGUIDORES: COMO O EU E O OUTRO SE MULTIPLICAM EM VERSÕES NAS RSIs

As RSIs são ambientes desenvolvidos para propiciar o relacionamento entre as pessoas: neles é possível encontrar, conversar e compartilhar informações, fotos, impressões, humores, etc., com o outro. Entretanto, para que isso aconteça, é necessária a construção de um perfil identificável, que represente, pelo menos, uma unidade mínima e reconhecível de um “eu” qualquer com o qual são estabelecidas ligações que recebem o nome de “amigos”, e/ou “seguidores”. O outro, neste caso, também precisa, necessariamente, estar representado por um perfil identificável.

No entanto, como aponta Dal Bello (2009), as RSIs “comportam uma radical congruência entre identidade e perfil”, e, por isso, há a possibilidade de construção de versões provisórias e passíveis de modificações dessas identidades/perfis. Nas RSIs os perfis podem ser modificados a qualquer tempo, abandonados, excluídos e, portanto, são sempre projetos em andamento, criações instáveis e transitórias. Em última instância, a criação de um ou muitos perfis diferentes (mas nem por isso necessariamente falsos), em uma ou muitas RSIs, representam versões exteriores do “eu”.

Diferentemente do senso comum, que atribui aos ambientes ciberespaciais a culpa pela proliferação de identidades falsas, instáveis e transitórias, tem-se que ir mais fundo e considerar que desde a última metade do século XIX as noções de subjetividade herdadas do cartesianismo – ou seja, aquela do sujeito uno, estável e centrado – já vinham sendo questionadas e desconstruídas pela filosofia, pela antropologia e, mais tardiamente, já no século XX, pela psicanálise.

“Nós não nos deparamos com uma subjetividade já dada, adequada e organizada; antes, somos chamados a produzi-la. Confrontados com as condições que encontramos na nossa vida diária, algo precisa ser feito, e a chave para esta ação é questão de assumir extremos. Isso é exatamente o oposto de se virar em direção a um ser já dado, já formado, porque ser é acima de tudo, vir a ser, evento, produção”. (Guattari, 1992, p. 215).

Como se pode perceber, para Guattari a subjetividade não é dada *a priori*: a subjetividade é construída autonomamente. No caso das RSIs, essa autonomia se dá em relação simbiótica com o(s) outro(s), numa rede visível, acessível a qualquer tempo e de qualquer lugar, e relativamente controlada (a rede de amigos do usuário), numa espécie de processo autopoietico⁵. O outro é fundamental no processo de construção das versões exteriores do “eu” porque a subjetividade nas RSIs é plural e polifônica (Guattari, 1990), construída pelos diversos atores, humanos e não-humanos, envolvidos nas teias de relacionamentos. Essa simetria de papéis entre os atores humanos e não-humanos na construção de redes a qual se refere a autora, merece ser mais detalhada.

A teoria ator-rede (TAR – Teoria Ator-Rede ou ANT – Actor-Network Theory) foi apresentada em meados dos anos oitenta, resultado do trabalho de Bruno Latour, Michel Callon e John Law. De acordo com a TAR, não deve haver separação entre ciência (conhecimento) e tecnologia (artefato). A TAR propõe que todas as entidades alcançam significância quando em relação com outras e tudo aquilo que for capaz de gerar uma diferença em uma rede será considerado um ator. Humanos e não-humanos, nessa concepção, alcançam uma simetria em seus papéis. Os atores ou actantes são concebidos na TAR como uma combinação heterogênea de entidades humanas e não-humanas, individuais ou coletivas, com capacidade de associação e dissociação com outros agentes, sem essência ou substância *a priori*. Os atores se relacionam em redes que os definem, determinam, e os provêm de substância, ação, intenção e subjetividade. A TAR, de acordo com Santaella (2010, p. 36) é um método para descrever a propagação das associações.

O conhecido exemplo da vespa e da orquídea (Deleuze & Guattari, 2010, p.11) ilustra como os diversos atores, quando em aliança, assumem outras funções na construção de novos tipos de subjetividades: a orquídea torna-se necessária à vida da vespa e vice-versa. O que é primordial nesse novo conjunto de agentes é a construção da “máquina orquídea-vespa”. O devir da orquídea-vespa não possui um sujeito separado de si, ou seja, não é que a vespa e a orquídea permaneçam as mesmas e simplesmente adicionem propriedades ao novo conjunto orquídea-vespa. Não. Para ambos os agentes, o devir é

⁵ Os biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana cunharam o termo *autopoiese* para designar a capacidade dos seres vivos de se produzirem a si mesmos. Os seres vivos se constituíram em sistemas autopoieticos, e a conservação tanto da autopoiese quanto da adaptação ao seu meio forneceriam as condições sistêmicas para a vida.

modificado simbioticamente. A nova composição orquídea-vespa é marcada por propriedades emergentes aquém e além da mera soma de suas partes. Ou seja, o devir, o vir a ser, o tornar-se é a combinação de partes heterogêneas, é uma aliança e não uma simples filiação de agentes a um processo.

A ideia de construção polifônica da subjetividade e, por consequência, das versões do *quem sou eu?* que as RSIs proporcionam, representa a subversão total de todos os conceitos tradicionais que estiveram durante muitos séculos umbilicalmente ligados às noções de verdade e autenticidade da unidade existencial chamada de “eu”. Ou seja, a noção do “eu” único, coerente e coeso esvai-se no espaço fluido e contingente das RSIs, as quais promovem, de maneira inversa, a proliferação de versões múltiplas do “eu”, não necessariamente falsas, mas sim reconfiguradas/recriadas em perfis transitórios, como verdadeiras versões traduzidas dele próprio.

As versões do “eu” que emergem nas RSIs se configuram como ações colaborativas, que prescindem da participação de atores/mediadores humanos e não-humanos. Assim como em outros processos de realização coletiva, a construção dos ambientes existenciais que abrigam essas versões é o resultado de soluções negociadas com os equipamentos, com os aplicativos disponíveis e desejados, bem como com o acaso e com a imprevisibilidade do desenrolar dos acontecimentos e das interações naquele ambiente determinado.

O EU AUTOBIOGRÁFICO NO FACEBOOK

O Facebook anunciou, em meados de setembro de 2011, os detalhes sobre um novo aplicativo para o perfil dos usuários o qual denominou *Timeline*. O *Timeline* é uma versão renovada do já velho e conhecido perfil, que permite que o usuário pesquise e tenha acesso ao seu passado, podendo, portanto, visualizar toda a sua história de atividades desde o momento zero de ingresso no Facebook – chamado, de maneira simpática, de “nascimento”.



Figura 1. Facebook

As possibilidades oferecidas pelo aplicativo vão desde escolher uma imagem que represente *quem sou eu?* para ser uma espécie de “capa” do perfil, até a visualização completa e em ordem de toda a narrativa histórica e autobiográfica do sujeito, exatamente como ela se desenrolou nas páginas do Facebook, até o presente. O usuário tem a possibilidade de categorizar os eventos (qualquer ação numa rede social se constitui em um evento – publicação de textos, fotos, compartilhamento de *links*, etc.) como mais importantes ou favoritos e configurar a privacidade para escolher quem serão as pessoas de sua rede (ou redes) que terão acesso a essa história. Caso tenha havido algum tipo de intervalo em branco na *Timeline* do usuário – como uma viagem, doença, a morte de um parente, etc. – que o tenha impedido de postar em suas páginas por algum tempo, ele pode voltar e incluir novas informações e preencher os espaços em branco do intervalo, como em um diário particular. O usuário também conta com a possibilidade de acrescentar aplicativos à *Timeline* visando compartilhar as músicas ou receitas favoritas, bem como qualquer outra coisa na qual esteja interessado.

O Facebook, à frente de outras RSIs, deu um passo largo em direção à organização temporal e espacial dos registros individuais e coletivos que povoam a *web* e que estão traduzidos nas mais diversas e múltiplas linguagens, como textos, fotos, vídeos, hiperlinks, desenhos, etc. O agrupamento e a organização desses registros, transformados em páginas visíveis, acessíveis e até mesmo consultáveis, representam não só uma espécie

de exteriorização das memórias individuais, mas um verdadeiro acervo de memória social.

As RSIs parecem estar caminhando na direção de proporcionar ambientes adequados a dar visibilidade às versões autobiográficas do “eu”. A diferença é que, a partir de agora, os outros terão acesso visual e imediato a elas, inclusive colaborando na sua construção.

Em *O Livro da Consciência*, Antonio Damasio (2010, p. 263) define o “eu” autobiográfico:

“O eu autobiográfico é uma autobiografia feita consciente. Faz uso de toda a história que memorizamos, tanto recente como remota. Estão incluídas nessa história as experiências sociais das quais fizemos parte, ou das quais gostaríamos de ter feito parte, bem como as recordações que descrevem as nossas mais refinadas experiências emocionais, nomeadamente as que possam ser classificadas de espirituais”.

Ainda de acordo com Damasio (2010, 264) o “eu” autobiográfico leva uma vida dupla: ele pode apresentar-se tanto explicitamente – por meio da mente consciente –, como também pode viver latente, à espera da hora de se tornar ativo e vir à tona. À medida que o tempo passa e as experiências de vida vão sendo reconstruídas e representadas, quer o processo seja consciente ou não, elas são reavaliadas e reagrupadas, modificadas superficialmente ou em profundidade, no que tange os fatos e as emoções. Esse processo faz com que algumas recordações fiquem pelo caminho e outras sejam recuperadas e ganhem relevo e importância; outras ainda podem ser re combinadas de acordo com nossos desejos mais íntimos e secretos ou até mesmo pelo acaso, e se reconfigurarem em cenas que nunca realmente existiram.

Ou seja, a mente, a consciência é capaz de reescrever a história pessoal diversas vezes durante a vida e, mais ainda, é capaz de pregar peças sem que ao menos se perceba que se está sendo “vítima” dela. É por isso que a possibilidade de se escutar várias versões diferentes de uma mesma história de família, ou versões diferentes de um relato ou de um crime, é tão freqüente, e não se constituem necessariamente em intenção deliberada de falsear a realidade.

Mais uma vez, parece que as RSIs dão visibilidade e proporcionam acesso a versões do “eu” autobiográfico, externas à consciência, assim como memórias

estendidas e gravadas na nuvem, estreitando ainda mais as alianças entre os mundos real e virtual - os quais já se encontram misturados de tal maneira, que não parece mais cabível delimitá-los em ambientes existenciais distintos. Além disso, as RSIs permitem que essas versões sejam construídas em colaboração com os outros e estejam disponíveis a eles também.

As novas tecnologias da inteligência estão borrando, irreversivelmente, as fronteiras entre o “dentro” de si e o “fora” de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet já não é mais a mesma. O que se vivencia hoje é uma rede que já se dividiu em muitas, se fragmentou e continuará a se fragmentar nos próximos anos em função da multiplicação e ascensão das RSIs - que estão proporcionando uma transformação significativa e profunda não só para a internet em si, mas para o conhecimento, e, mais profundamente, para a construção subjetiva e para as relações intersubjetivas.

Os ambientes existenciais criados nas RSIs bem como a possibilidade da construção de versões múltiplas do “eu” têm evidenciado que os conceitos tradicionais relativos às relações entre tempo/ espaço/ presença devem ser revisados de modo a se entender e analisar mais profundamente os paradoxos que a evolução das tecnologias da inteligência tem colocado à disposição de todos. As dicotomias entre físico/ virtual, humano/ não-humano, público/ privado, mente/ corpo, entre tantas outras que influenciaram e continuam a influenciar o pensamento ocidental, parecem não dar mais conta de explicar nem os fenômenos e nem os homens emergentes. De fato, como diz Morin (2007) “*Quem somos? É inseparável de onde estamos, de onde viemos, para onde vamos? Conhecer o humano não é expulsá-lo do universo, mas aí situá-lo*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAL BELLO, C. (2009) *Cibercultura e subjetividade: uma investigação sobre a identidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu*. São Paulo: PUC-SP. Disponível em:
<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9410>

DAMASIO, A. (2010) *O Livro da Consciência – A Construção do Cérebro Consciente*. Temas e Debates/ Círculo de Leitores.

DELEUZE, G. (2007) *Lógica do Sentido*. SP: Perspectiva.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (2010) *A Thousand Plateaus*. GB: Continuum.

GUATTARI, F. (1990). *Subjectivities: for better and for worse*. In: GENOSKO, Gary (ed.). *The Guattari Reader*. Oxford: Blackwell Publisher Ltda. 1996. pp. 193 - 203.

GUATTARI, F. (1992). *Toward a New Perspective on Identity*. In: GENOSKO, Gary (ed.). *The Guattari Reader*. Oxford: Blackwell Publisher Ltda.. 1996. pp. 215 - 217.

SANTAELLA, L. (2010) *A Ecologia Pluralista da Comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus.

SANTAELLA, L. (2010) *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus.